

Esta peça começou a ser escrita em 2016. Retrabalhada durante os anos seguintes, e com base nos desdobramentos históricos e políticos daquele ano, esta assim chamada peça mais ou menos didática propõe uma reflexão sobre o que significa estar neste tempo-espaço na sociedade brasileira, cujo passado da ditadura militar ainda assombra o presente e cujas regras são ditadas por um algoritmo subjugado ao capital, que parece ter o poder de prever o futuro. Dividida em três partes, a parte I é “Um ato de uma nação”, cena que poderia ser dramática, de um médico e um professor assistindo a um corpo ser linchado – e eles não entendem o motivo. A parte II é “Exposição não dramática sobre voltas ao redor do sol”, na qual uma voz não identificada que se apresenta como autora das outras partes da peça tenta estabelecer contato com um possível ouvinte. E a parte III, “Mar da História ou Outra Hipótese Medeia” revela a alegoria de uma Guerrilheira que anuncia sua absolvição de um crime. Trata-se de um texto cuja força motriz está na dialética da palavra, uma vez que são apontadas questões na mesma medida em que estabelecidos seus impasses e contradições.

¹ Dante Passarelli é ator, dramaturgo, diretor e pesquisador de teatro. Mestrando no Departamento de Letras Modernas na FFLCH-USP, mesma instituição pela qual se formou Bacharel em Letras (Português/ Inglês). Ator formado pelo INDAC e pelo Centro de Pesquisa Teatral (CPT), coordenado por Antunes Filho. Fez parte da 12ª. turma do Núcleo de Dramaturgia SESI-British Council. Fundou o grupo Manás Laboratório de Dramaturgia. E-mail: dante.passarelli@usp.br.

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

“O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado.”

(Walter Benjamin em *Tese III sobre o conceito da História*)

“Não podemos permitir que nos usem dessa maneira, que nos usem contra o futuro.”

(Edward Snowden em *Eterna vigilância*)

“Nada a fazer.”

(Samuel Beckett em *Esperando Godot*)

“O Brasil é um sonho.”

(Grace Passô em *República*)

Tempo: futuro próximo

PARTE I – Um Ato de Uma Nação

As escadarias da Catedral da Sé, já é noite. Ao fundo, ouve-se a dispersão de uma manifestação. No começo da escada, há um corpo estirado.

PROF. NILSON: Dilacerado.

DR. FERNANDO: Meu Deus.

PROF. NILSON: Como chegamos a isso?

DR. FERNANDO: Não sei.

PROF. NILSON: Nem eu.

DR. FERNANDO: Assassinado.

PROF. NILSON: Linchado.

DR. FERNANDO: Por que fizeram isso, meu Deus?

PROF. NILSON: Há quanto tempo você está aqui?

DR. FERNANDO: Não sei mais.

PROF. NILSON: Alguma coisa tem. Sempre tem.

DR. FERNANDO: As pessoas já foram embora.

PROF. NILSON: Só sobramos nós praticamente.

DR. FERNANDO: Ele vai ficar aí, pelo jeito.

PROF. NILSON: É.

DR. FERNANDO: Você ajudou?

PROF. NILSON: Não, eu só olhei.

DR. FERNANDO: E não fez nada?

PROF. NILSON: Seria eu contra a multidão.

DR. FERNANDO: Ainda tão cuspiendo nele.

PROF. NILSON: Ele deve ter feito alguma coisa.

DR. FERNANDO: E se tiver feito?

PROF. NILSON: Certas pessoas merecem... não?!

DR. FERNANDO: Está tudo tão confuso.

PROF. NILSON: Faz alguma coisa então. POR QUE VOCÊ NÃO FAZ NADA?

DR. FERNANDO: Para de gritar, podemos ser os próximos! (*Pausa.*) Ainda vão estudar este tempo e concluir que estava todo mundo doente.

PROF. NILSON: O que é ser saudável? (*Pausa.*) Vamos lavar o corpo.

DR. FERNANDO: Mas nós não o conhecemos.

PROF. NILSON: É nosso dever.

DR. FERNANDO: Dever? Olha ao redor!!

PROF. NILSON: Você não acredita em Deus?

DR. FERNANDO: É por Deus que fizeram isso?!

PROF. NILSON: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

DR. FERNANDO: Ninguém nunca na história amou ao próximo como a si mesmo quando falaram isso.

PROF. NILSON: Pode ser a nossa salvação.

DR. FERNANDO: Eu precisaria saber de que lado ele está.

PROF. NILSON: O que importa agora?

DR. FERNANDO: (*Ao homem.*) O que você fez?!

PROF. NILSON: Qual foi o seu crime?

DR. FERNANDO: Será que é coisa da nossa cabeça?

PROF. NILSON: (*Dirigindo-se ao outro.*) E você hein?

DR. FERNANDO: Eu o quê?

PROF. NILSON: Qual é o *seu* crime? Por que você sobrou aqui?

DR. FERNANDO: Sei lá. Eu sou médico, tenho dois filhos, sou casado há 5 anos. Nunca traí, gosto de levar minha mulher no cinema de sábado, odeio salada, gosto de Michael Jackson, sou cidadão de bem, entende? Bom... quebrei uma jarra de suco de tomate no último feriado em família. Acho que uns 10 panos foram pro lixo. Mas só isso. Você?

PROF. NILSON: Bom... eu... gosto de esfregar o giz. Esfregar o giz na lousa de propósito. Só pra ver a aflição dos meus alunos com o barulho. *(Pausa.)* Me tranquiliza causar essa tensão mesmo que por segundos. É como se fosse uma vida inteira.

DR. FERNANDO: Com o giz?

PROF. NILSON: É... uma quebra no tempo e espaço, como se fosse um não lugar ali aberto entre nós.

DR. FERNANDO: E você acha isso bom?

PROF. NILSON: Me dá prazer, sim.

DR. FERNANDO: Você dá aula de quê?

PROF. NILSON: Geopolítica.

DR. FERNANDO: *(Tempo.)* Se eu te contar, promete que isso que eu vou falar fica entre nós?

PROF. NILSON: O quê?

DR. FERNANDO: Eu gosto de tocar nos pacientes.

PROF. NILSON: Sexualmente?

DR. FERNANDO: Na garganta. Eu digo que preciso sentir os gânglios, mas quase sempre o problema não tem relação com a garganta. É mentira. É o que acontece depois...

PROF. NILSON: Depois?

DR. FERNANDO: É. Eu fico tão próximo deles... naqueles segundos nós respiramos o mesmo ar *(Arfa como quem respira.)* Respirar é bom. De uma forma totalmente aleatória. Mas é o vapor da terra ali naquele momento saindo do paciente. É incrível.

PROF. NILSON: Você pode fazer comigo?

DR. FERNANDO: Aqui?

PROF. NILSON: É, por favor.

DR. FERNANDO: Ok... *(Ele apalpa o outro. Tempo. Tensão quase sexual.)* Seus gânglios na verdade estão um pouco inchados. Você está com dor de garganta?

PROF. NILSON: Não... deve ser porque eu estava... há pouco... na manifestação...

DR. FERNANDO: Ah... você foi?

PROF. NILSON: Todo mundo foi.

DR. FERNANDO: Você estava no meio então. Quando pegaram o homem...

PROF. NILSON: Eu votei contra! EU JURO QUE VOTEI CONTRA! Não era pra ter chegado a esse ponto!

DR. FERNANDO: Votou contra! Você estava lá e não fez nada! Você é tão culpado quanto os outros! Você não tem o direito de falar nada! Perdeu o direito de falar! Cala a boca! Seu

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

discurso caiu por terra! (*Levanta-se para ir embora.*)

PROF. NILSON: Como caiu por terra? Volta aqui! Não foi culpa minha! Eu vou dizer, tá bem? Pronto! Eu conto o que aconteceu. (*O outro indo embora em silêncio.*) Eu não queria que fosse assim. Ele era confiável antes, lembra? Ele veio pra mudar as coisas. Um homem comum, de bem, como eu, como você. Antes! Mas depois... Era tanta gente. Disseram que ele provocou, que ele mereceu. Depois de tudo que ele fez. Depois dos informes, seguraram ele pelo braço e leram as propostas escritas em papel. Abriram regime de votação. Ninguém pediu esclarecimento. A assembleia na praça pública! O coração da democracia batendo forte... É lindo, na verdade.

DR. FERNANDO: E aí?

PROF. NILSON: E aí contaram os votos e encaminharam a proposta.

DR. FERNANDO: Meu deus... E qual foi a acusação afinal?!

PAUSA GRANDE, GRANDE INCÔMODO NO PROFESSOR

PROF. NILSON: EU NÃO SEI... (*Pausa.*) Sinceramente eu não consegui entender...!

A luz do sol brilha.

PARTE II – Exposição não-dramática sobre voltas ao redor do sol

Bem ali num não lugar
Por onde você transita de passagem
Está a morte
Como uma encomenda
(você ignora, até chegar a sua vez) Sem destinatário
Mas
Com remetente.
E isso é político.

Boa noite. Agradeço por terem vindo. Eu pensei em começar pelo começo. Ultimamente as coisas parecem sem começo, meio e fim, então pode fazer bem um pouco de chão. (Eu pensei). Se eu fosse classificar esse texto, eu chamaria de exposição, a título de tentativa mesmo. Ou ensaio. E eu sei que primeira pessoa não é sempre confiável, mas vamos lá. É importante que você saiba que esta exposição é sobre hipóteses e pequenos e grandes acontecimentos. O estopim foi algo real. O Brasil real. Mesmo que ele não seja realista, como essa cena que acabou de acontecer. (Isto aqui não é um texto dramático, não é

autobiográfico também; por isso, apenas exposição). Bom, vou começar de uma vez.

Política. A vastidão abissal dessa palavra é tanta que às vezes eu acho que não fica claro o suficiente o quanto é necessário para certas pessoas quebrarem qualquer elo político que possa existir entre nós. E isso quer dizer: todos os elos. Porque todos os elos possíveis entre seres humanos são políticos. Mas isolaram cada uma das partes. Por isso as praças são gradeadas, por isso os corpos em calçadas se tornam apenas passagem, por isso os empregos são terceirizados. É a mesma coisa.

Você me escuta? Se todas as suas possibilidades de estabelecer elos são cortadas, você continua sendo humano? Você continua sendo humano, se a sua capacidade política é cortada? Ela existiu algum dia? Ela, digo, capacidade política. Ela, digo, humanidade. É por isso que alguns são classificados como heróis de uma nação e outros, como insetos, como baratas.

Características da barata. A barata é um inseto com seis patas, corpo oval, duas antenas. São hospedeiros de vários micro-organismos prejudiciais aos seres humanos. A barata é muito resistente, sobrevive até à bomba atômica. Existem achados de baratas com mais de 320 milhões de anos! (Imagina o que ela teria a dizer, depois de tudo que ela já viveu andando pelos milênios.) Ela se alimenta de qualquer coisa, consegue viver sem cabeça, consegue até crescer a cabeça de volta, tem uma capacidade incrível de permanecer viva. Viva. Eu estava falando de morte política, mas agora estou falando de vida. Vou chegar na parte da morte ainda.

Dependendo da espécie

A barata que permanece

Viva / apesar de tudo

Pode ser uma utopia democrática

Ou o fascismo.

Continuando. (Isso aqui é uma sequência de pílulas, ok? Espero que não se importe.) Eu comecei a tomar pílulas quando percebi que não encontrava resposta. Não enxergo resposta. Estou diante de um abismo e não consigo nem me desprender nem voltar atrás. É um impasse abissal. Por isso, pílulas. Faço perguntas, então. Pelo menos perguntas. Quem sou eu, você pergunta? Sou uma voz aqui, ouve? (Se você olhar bem, eu sou também um corpo. Poderia até trabalhar com arqueologia, talvez).

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

Tenho tesão por abismos. Adoro Samuel Beckett, que também amava abismos e lugares escuros e fechados. Onde só se ouvem vozes. Eu acho pelo menos. Eu não contei pra vocês que eu atuo. Sou até MEI apesar de não ser permitido teoricamente. Mas é impressionante como o proibido se torna aceitável quando é mais barato pras partes envolvidas. E escrevo também. Escrevi algo especialmente para essa noite, além disso aqui. Depois de uma sessão de terapia em que eu não conseguia mais dizer nada. Então minha terapeuta me disse “escreva ué”. E foi assim que eu esbocei. Eu tenho esboçado muito nos últimos tempos, esboçado um riso, um choro, uma vontade de transar. Tenho esboçado, mas o esboço nunca se torna desenho. Entende? É um caralho. Bom, mas eu falava sobre o escuro. É onde as baratas vivem. É lá que estão todos os ossos – digo, sonhos. No abismo.

Agora uma hipótese que eu esbocei outro dia. Quando um corpo cai no abismo, depois que sua carne tiver sido devorada por homens e mulheres e baratas, então o esqueleto vai ser achado dali a milênios por uma equipe de arqueólogos que vão tentar adivinhar o que os ossos têm a dizer – eles sempre têm algo a dizer – E aí vão fazer um artigo científico! A ciência vai corroborar com a versão oficial. Aí o artigo vai virar um livro! Aí o livro vai ser estudado, até sair uma reportagem no jornal sobre quem o esqueleto foi! É assim com todos os esqueletos. Aí alguém vai ver e fazer um filme sobre o esqueleto! Ele vai ser mostrado nas escolas, nos livros, nos programas de TV e de YouTube. E aí o público vai ver e procurar no Google pra saber se ele foi de verdade mesmo! E ouvir podcasts sobre ele! Sim, podcasts! Bem contemporâneo e original! É isso que acontece, não?!

E tudo isso depende de uma coisa: COMO SE CONTA A HISTÓRIA. A HISTÓRIA É UM CAMPO DE DISPUTA.

É bem capaz até que o esqueleto não seja apenas um, e sim, vários, uma verdadeira OSSADA na terra, e que, quando desenterrada,

gritará

de fúria.

Digo, hipoteticamente.

Vestido de branco

E sangue

Um golpe (e outros tantos)

Colocou a terra

Em brasa

Mas calma. Até lá infelizmente é preciso calma. Digo infelizmente por quem tem ansiedade aqui. Eu, por exemplo. A ansiedade está cada vez mais difícil de controlar. Escovar um esqueleto com ansiedade é uma coisa que realmente demanda controle de energia. A velocidade da internet acabou com minha capacidade de racionar. Tenho vício em conclusões e epígrafes. Elas contêm tanto em tão pouco. Tenho tido preguiça do processo. Esboço uma linha e a ponta do lápis quebra de raiva. Mal consigo pôr o pé para fora de casa sem morrer um pouco. Tudo isso é político. Tá ansiosa também? Toma uma pílula, senhora. Quem quiser, tenho um potinho extra que a minha terapeuta me deu. (Até porque a única interessada em me manter em pílulas é ela. Bom, ela e a indústria farmacêutica). É. Mas eu falava da calma. Isso. Porque a narrativa ainda está em jogo. A vida, assim como o teatro, é um conflito de narrativas. Conflitos e reações. Ao que foi feito. Antes. Antes. É isso a história. É isso o teatro também. Sim, teatro. Acho que estamos em um.

Assistir uma peça de teatro é um ato passivo ou ativo? E reagir?

Agora, visualizem. Uma rede de luzinhas de LED brilhando, igual àquelas que penduram nas sacadas no Natal. É como a democracia. Imaginaram? QUE LINDA LINDA. Tanto teatro quanto democracia como nós conhecemos começaram há milênios na Grécia. Todos sendo assistidos e reagindo a outras pessoas reagindo por milênios. E chegamos até aqui. O Brasil. Hahah. Mas vamos imaginar outra coisa. É meio ridículo. Mas vamos tentar. Às vezes do ridículo nasce uma coisa interessante. Você me faria o favor de dizer isso?

“Uma reação em cadeia. Isso é político? / Entretenimento rima com espionagem? / Tenha bons sonhos programados? / O meu sono é político? / A questão não é mais se você está sendo espionado e, sim, qual a sua posição na lista de espionagem. / Sonhou com o Mickey ontem?”

Pode dar risada. Eu poderia falar muito sobre isso aqui, mas estamos falando sobre morte e vida (Foco). Agradeço pela interação. Eu falei que não era teatro dramático. E isto aqui é político. Em algum nível. Tá, é politizante pelo menos. O ANTE dá uma ideia que energiza mas não vai até o fim, né? Tipo uma bateria acabando mesmo. O Brasil é um grande ante enquanto nação. Um processo inacabado. O que é a era de ouro ateniense pra quem teve ouro saqueado por séculos afinal?

E o ciclo se repete – seria mesmo um ciclo? – parece mais uma rede emaranhada. O presente está emaranhado. A construção do tempo é uma conexão instável com outro ser

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

humano. Mas mesmo instável, há potencial. (Deve ser por isso que as conexões caem toda hora). A disputa do tempo acontece mesmo se apenas restar apenas um grupo de humanos, sem pátria ou nação, sobrevivendo num território onde você poderia ser morto nas fronteiras. Uma não nação, um não lugar, como esse aqui, uma espécie de zona autônoma. Com potencial explosivo.

Tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac

Quando o primeiro esboço dessa exposição foi escrito, tinha uma caveira com um bolo de aniversário de 500 anos. Só não sei se era um aniversário de vida ou de morte. Isto é uma questão de disputa tanto quanto a história das narrativas. Não só o parabéns que vai ser cantado. A vida e a morte. O poder está com quem pertence a narrativa. Morte e vida e vozes e parabéns são políticos. Mas acho que isso ficou claro desde o início. Agora vamos ao ponto principal.

Chegamos num ponto, num tempo

TEMPO que palavra linda

Qual é a sua ideia de tempo? Passado presente futuro morreram e com os músculos de cada um deles se formou uma rede e ESTE É O NOSSO TEMPO:

não é mais possível analisar de longe a RUPTURA:

O processo de ruptura

já aconteceu

e pede uma resposta (urgente)

uma tomada abrupta de narrativa (coletiva)

a ruptura é não dramática

corpos caíram na terra por séculos corpos caem na terra todos os dias

corpos bombas corpos choque tiros terraAAAA

(Repetir as palavras algumas vezes até ficar em SILÊNCIO.)

É aqui que chega o impasse. E foi por isso que minha terapeuta me pediu pra colocar em palavras escritas aquilo que não eu consigo enunciar. Foi nessa época que caí numa toca do coelho de vídeos que o YouTube me sugeriu. Eram adaptações de Medeia. Pasolini, Jules Dassin, Lars Von Trier. O mito da mulher que foi exilada da sua terra há milênios, e depois de traída por aquele que ajudou, mata seus filhos por vingança. Eu até descobri que existe uma teoria de um paleontólogo chamada hipótese Medeia, sobre a vida na terra, de que a vida celular é uma ameaça a si mesma. Segundo a hipótese, a terra-

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

medeia não cria condições pros seus filhos viverem e é sempre uma constante luta para sobreviver. A mãe-terra hipoteticamente mata seus filhos-microorganismos. Por isso: Medeia. Seria uma tentativa da terra de retornar ao seu estado de antes. Antes, onde talvez só existissem baratas. (Essa última parte eu que imaginei.)

Mas eu falava sobre o impasse. Antes de aprender que arte não é uma coisa de fato necessária, eu era feliz. Eu odeio quando alguém fala que arte é necessária. Ela não é necessária, APESAR de seu potencial explosivo. Você me escuta, e daqui a pouco me esqueceu. E ninguém vai morrer de falta de arte como morreria de fome, de sede, de tiros, de bomba. Não precisa ficar com raiva. Isso não quer dizer tanto. Tô só tentando chegar a uma conclusão. Um esboço de pensamento, pelo menos. Algo concreto. Por mim. Por você. Pela terra. Pela minha terapeuta. Eu disse no início que era uma exposição. É na verdade um problema de emissão. Eu estou aqui neste instante e logo não estou mais. Algo foi dito. E. Já. Passou. Você nem ouviu. É horrível. É o horror da nossa era. O QUE EU POSSO FAZER SE SOMOS E NÃO SOMOS 24h POR DIA? (15% a mais do que na semana passada).

Esse impasse parece teórico mas é de ordem prática. Percebe como eu tento falar algo desde o início e me distraio por tantas outras coisas? Parece aleatório, mas é método. A desatenção é política. O meu histórico da internet fica assombrando minha cabeça e tenho perdido o foco. Bom, o da internet e o histórico nacional. Sim, o histórico do Brasil é de cair num abismo e ali ficar. Então, cheguei a um impasse de forma. “Como superá-lo?” Eu pensei. Perguntei pra minha terapeuta por mensagem.

E se ao invés de
feiticeira
Medeia fosse também
guerrilheira?

(Muda a luz levemente, voz suave, pode ser ASMR.)

Percebe como funciona o sistema de translação² quando o sol é feito de LED?

Se passado, presente e futuro estão emaranhados num rizoma, onde caberia uma nova volta ao redor do sol? Não é matemático como um algoritmo, percebe?

Continuando então. Falo agora sobre revolução.

² Sistema de translação, as voltas da terra ao redor do sol, também conhecido por REVOLUÇÃO.

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

A revolta teve seu significado diluído depois de repetidas tomadas de poder pelos que sempre estiveram lá. A insurgência é fagocitada pelo algoritmo.

Seus dados estão à venda.

Cuidado com seu buscador.

Eu passo o dia fora da internet e quando volto as instituições estão ruindo sob si mesmas?

A realidade deixou de ser realista faz tempo. Acho que nunca foi. OK Google.

Parecia tão lindo unir o mundo em rede. Cada possibilidade! Parecia eterno como uma barata cavando na terra-pátria até chegar no magma borbulhando prestes a explodir.

A realidade é uma série de pílulas expositivas de alguns caracteres. Epígrafes sem conclusão.

Está me ouvindo ainda?

O histórico dita o futuro.

O feed rolando é o anjo da história e o tempo histórico é um rizoma feito de LED.

A questão então é mudar a equação do mundo.

Mas como? (atos)

(Vinheta sonora do "OK Google" e começam acordes de "Heal the world" de Michael Jackson, cantar um trecho da música e seguir com o texto.)

para tudo. espera. isso aqui não está fazendo sentido. inspira expira sssss. caralho. qual o propósito de um ATO expositivo como esse? vamos dar cabo do significado. um ATO pode ser um ATO político pode ser um ATO teatral pode ser um ATO INSTITUCIONAL. ATO vem da palavra agir, eu grito ação, mas ninguém se move, eu estou imóvel aqui, percebe? você imóvel aí, percebe? eu poderia ficar com infinitas pílulas durante milênios e ainda assim, estaríamos imóveis ao longo de um túnel com luzes de LED iluminando uma espécie de saída de emergência, cujo sinal toca mas ninguém se move. um ato cuja emergência ressoa como um grito da terra-medéia mas, tristemente, ninguém consegue agir, ou escutar ou mesmo finge que não escuta, tanto faz. TANTO FAZ É UMA DECLARAÇÃO POLÍTICA E TANTO. uma sequência de atos pode formar uma tragédia clássica ou uma ditadura militar. não sei se me faço entender ou talvez seja óbvio demais: esse é o impasse do presente. então vamos tentar outra coisa... eu tive uma ideia. sou eu falando. eu aqui. sem autoria prévia. esse fluxo é meu agora, ok? *(Atuante improvisa um texto com seu ponto de vista. Pode haver música, Pode ser cantado. Pode ter participação da plateia. É pra ser totalmente autônomo.)* era isso. um ato real, um ato sem palavras pré-determinadas. um ato não dramático, não épico, não lírico. apenas ação apenas no fluxo. um futuro não pré-programado por autores ou algoritmos ou organizações. uma

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

utopia com seis patas, tremendo de barriga pra cima com uma gosma ao seu redor porque foi semiesmagada mas AINDA VIVE apesar da outra espécie de barata gigante alterada por radiação estar esmagando ela. eu desenrolo então o rizoma da história. em algum não lugar agora, você está sendo transformado em dados arquivados para sempre. em algum não lugar agora, tem um preso político sofrendo tortura. tem algum não lugar agora sendo varrido do mapa e ninguém vai ouvir sobre isso. em algum não lugar agora, tem um golpe de estado sendo planejado. em algum não lugar agora tem um ovo do fascismo se chocando. em algum não lugar agora, tem alguém sendo morto na frente de seus filhos numa fronteira. não lugares são não dramáticos, mas eles existem. como uma quebra do tempo e espaço onde parece não existir pessoas, mas só parece. tipo a deep web. é lá que se planejam separar as pessoas por campos e derrubar as fronteiras de nações, é lá que se cometem crimes torpes contra a humanidade e pode-se encriptar a si mesmo e você é apenas uma voz pairando no nada. é em não lugares que, se você olhar bem, estão todos os atos humanos e desumanos. sem traços de autoria. sem limites de território. pode até ser que na deep web esteja a própria morte. eu nunca parei pra buscar. às vezes a profundidade do abismo me assombra de um jeito. do abismo da deep web. do meu próprio. do brasil. lembra que eu disse que adoro abismos? eles me assustam na mesma medida. olha aonde chegamos.

o que resta são as vozes; as vozes que ecoam.

e mesmo assim, há quem não escute.

só que a questão com as vozes.

é que elas são feitas de ossos.

é que elas arfam da terra-medeia.

é que elas se tornam corpo.

é que elas têm fúria.

PARTE III – Mar da História ou Outra Hipótese Medeia

De volta à praça da Sé, um tribunal, a Guerrilheira-Medeia vai entrando.

GUERRILHEIRA: Excelentíssimos. Declaro reaberta a sessão. O sol de LED ainda brilha. Naveguei pelo mar da história. Ondas derrubaram o navio dos argonautas e me deixaram em alto-mar. Fui enganada e capturada. O problema é esse: A Pátria Amada se resume ao mesmo jeito de sempre: de tempos que eu nem sei quando. PÁTRIA. Um lugar que te pare

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

e também te prende e expulsa. E você é obrigada a migrar por aí sem rumo, como se esperasse algo que não vem. Como se esperasse a História num ponto de ônibus, mas ela é um ônibus que foi queimado pela milícia do governador.

Salve-se quem puder pagar.

Isso é falta de escutar o aviso de incêndio.

ter que gritar

sempre mais alto, até não haver mais voz

até a voz se tornar brasa, pra sequer ser ouvida.

Ah tu me achas violenta. Tu não viste nada ainda. *(Falando com o corpo que não se revela.)* MOSTRA QUEM ÉS! VAI! COVARDE!

O ódio é muito malvisto. MEDO é um sentimento legitimado. Mas na verdade o ódio move muita coisa também. Somos domados a sentir com pílulas diante de uma linda programação porque o ÓDIO, sim, entra em todo seu corpo e deixa ele pronto. Pronto para o que for.

Excelentíssimos. A História está do lado de quem se lembra dela.

E - LEMBREM-SE DISSO - lembrar é ação concreta. E política.

Uma mãe cujo filho morreu é uma mãe ainda?

Uma mãe cujo filho ela matou é uma mãe ainda?

Ela é manca para sempre. Ela fica pra sempre com o cordão umbilical saindo de si, manchando seu trajeto de sangue para lembrar daquilo que foi morto. E não há nada mais político do que sangrar. No meu corpo estão as marcas de outros tempos.

A terra sangra e chora por seus filhos que desapareceram e pelos que morreram lutando.

(Um grito do centro da terra.)

Um ato em nome de uma nação gera uma reação em nome de quê?

Um ato em nome de Deus gera uma reação em nome de quem?

DEEEEEEEUS

Um Deus que ninguém sabe se existe.

Um homem contra uma mulher. Um contra uma. Tantas vezes.

ISSO É TORTURA

Por Deus.

Quando estiveres numa cela escura deitada no chão depois de dias semanas meses milênios e pedires para Deus te tirar dali, te tirar do teu corpo, mas lá vem o choque - filhos da puta! - pra te lembrar que, sim, és tu ali e tudo é real, e não tem Deus que te salve

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

- E Deus não vem. Só é possível ver o homem. O mortal. E ele ajoelha e reza enquanto põe o pau pra fora.

Acreditar em Nação é o que torna ela real ou ela é real e por isso tão mortífera?

A guerra contra o tempo nunca tem fim. É uma sequência de golpes vestidos de branco.

TU ME TRAÍSTE JASÃO Como consegues dormir?

VÊ O SANGUE DE TEUS FILHOS NO CHÃO DA TERRA. Se cometi erros, acolho-os com humildade. Mas se era para eles morrerem, que os matasse eu.

EM CONLUIO COM CREONTE O REI DE CORINTO. Eu olho nos teus olhos e cuspo neles. Apenas reagiste! Um efeito colateral. EXILADA DA MINHA TERRA. Nunca

houve o que chamam de democracia. Lampejante democracia. BARATAS COMEM O CORPO DOS MEUS FILHOS QUE JÁ APODRECEM E EM BREVE SERÃO ACHADOS POR UMA EXPEDIÇÃO DE ARQUEÓLOGOS QUE CONTARÃO MINHA HISTÓRIA.

Mostra a tua cara DESLEAL E COVARDE JASÃO. É medo? Toma uma pílula! Tem várias aqui. Teu julgamento já vem. O veredito oficial será comprado em farmácia ou no tribunal.

Mas a real sentença é o veneno nos teus lábios. O veneno é a tua própria saliva, vês? COM OS PÉS AMARRADOS. NÃO É ÉDIPO. MAS AINDA ASSIM, COM PÉS AMARRADOS PENDURADO DE CABEÇA PARA BAIXO. ESSA É TUA SENTENÇA.

Tic tac tic tac tic tac

(Maria Callas canta em off. A Guerrilheira se torna cega com um pano nos olhos. Tempo.)

Mas apesar de tudo. Faltou. Me enganei. Não me escutaram no meu próprio tempo. Não fui salva pelo sol. Acabou a bateria. Mas já disse alguém que falhar de novo é falhar melhor, e isso me dá uma certa calma. Escutem-me agora, então. O ônibus continua em chamas.

(Repete várias vezes como anteriormente e diferente do outro, ela consegue continuar:)

corpos bombas corpos choque tiros terraAAAA OCEANOS.

O mar da história é agitado. E isso não é conceito abstrato. A ressaca do mar da história são seres humanos de ossos e carne que surgem na fúria das ondas. Oceanos.

Aguardar, então.

Como calma sentinela, disputar em guerra o tempo a contrapelo.

(Revela-se que o corpo estirado está amarrado com luzes de LED, pois elas começam a piscar.)

Tragada pelo mar da história; estou enfim ao sol. Já fui absolvida. Excelentíssimos.

Agora, o tempo da ressaca.

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.

Primeiros acordes do Hino Nacional se distorcem e tornam um rock pesado e depois, explodem em percussão ritualística. Ela desaparece. O corpo do começo é erguido pelos pés lentamente até ficar de cabeça para baixo. A luz de LED que o amarra permanece piscando até tudo se apagar.

O fim dessa exposição

está para ser escrito.

Há sempre algo a fazer³.

Submetido em: 27 jan. 2021

Aprovado em: 06 mar. 2021

³ Beckett errou em algo.

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 201-215, 2021.